

O Jornal Escolar como Campo de Estudo da Educomunicação: A Experiência Pedagógica do *Jornal Educativo* e do *Notícias Escolares*

Anderson Lopes da Silva*

Regina Krauss†

Índice

Introdução	1
1 A Educomunicação	2
2 O jornal escolar e a pedagogia do texto livre de Célestin Freinet	3
3 As fases da experiência pedagógica na elaboração do <i>Jornal Educativo</i> e <i>Notícias Escolares</i>	5
4 A criação de ecossistemas comunicativos na produção dos jornais escolares	7
Considerações Finais	8
Referências bibliográficas	9

Resumo

Embasado na pedagogia de Célestin Freinet e nos conceitos advindos da Educomunicação, o presente trabalho intenta apresentar o jornal escolar como um objeto de estudo e pesquisa não só da Pedagogia, mas também da Comunicação. O

*Acadêmico do 7º semestre de Comunicação Social – Jornalismo.

†Orientadora. Graduada em Jornalismo pela UEL. Mestre em Comunicação Visual pela UEL. Professora da FACNOPAR e UEL.

jornal escolar foi introduzido pelo pedagogo francês Freinet e os resultados obtidos na produção dos jornais mostraram ser extremamente positivos aos alunos. Já o campo da Educomunicação é relativamente recente se comparado ao início do jornal escolar. Os jornais escolares *Jornal Educativo* e *Notícias Escolares* foram planejados e redigidos em 2010 respectivamente pelos alunos do 4º ano e da 4ª série. Desenvolvidos durante a disciplina de Produção Textual, na Esc. Mun. Santa Teresinha, as aulas e orientações para a criação dos jornais foram feitas pelo autor deste artigo (professor concursado da rede pública municipal de ensino de S. João do Ivaí-PR desde 2009).

Palavras-chave: Pedagogia Freinetiana; Educomunicação; Jornal Escolar; Ecossistemas Comunicativos.

Introdução

O jornal escolar já não é novidade para muitos educadores. Introduzido pelo pedagogo francês Célestin Freinet, os resultados obtidos na produção dos jornais mostrou ser extremamente positivo ao desen-

volvimento dos alunos. Junto a isso, a atividade das correspondências interescolares configurou-se também como uma prática tipicamente freinetiana. Em contrapartida, o campo da Educomunicação é relativamente recente se comparado ao início do jornal escolar com Freinet. No esforço de contemplar, analisar e estudar conjuntamente as áreas da Educação e Comunicação surgiu o termo Educomunicação por volta da década de 1970 e citado pela primeira vez por Mario Kaplún. Dessa maneira, este texto procura mostrar a viabilidade de se aliar a estratégia pedagógica do jornal escolar com o campo de estudo da Educomunicação. Em outras palavras, propõe-se aqui a análise da produção textual de alunos do ensino fundamental de São João do Ivaí sob a ótica dos conceitos da Educomunicação.

1 A Educomunicação

O termo Educomunicação foi criado e citado pela primeira vez por um latino-americano, o argentino, filósofo da educação, Mario Kaplún, na década de 1970 (BERNARDI, 2006, p. 3). Amigo e parceiro de Paulo Freire, outro grande personagem da educação brasileira, Kaplún se interessou pelo tema da Educomunicação como meio de inter-relacionar as duas áreas vistas até então como campos de pouca interação ou quase nenhuma atividade conjunta. Todavia, nos alerta Bernardi (2006, p. 3) que antes de Kaplún, na década de 1970, o estudioso espanhol Francisco Gutierrez já abordava o tema, sob os pensamentos de Paulo Freire, afirmando que era preciso preparar o aluno para a vida social “com sua afetividade, percepções, sentidos, crítica, criatividade.”

Dessa maneira, o conceito de Educomuni-

cação pode ser entendido como uma área intrinsecamente ligada à Comunicação Social e a Pedagogia. A Educomunicação aborda desde temas como o uso das mídias em sala de aula e no processo-ensino aprendizagem até as novas formas assimilação cognitiva do conhecimento por meio das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação).

Porém, se engana quem imagina ser fácil definir ou delimitar forçosamente a área de atuação desse campo de estudo. Kinski (2008, p 3) diz: “Quanto mais ampliarmos o sentido dos dois termos – educação e comunicação – mais compreendemos a estreita relação entre os mesmos.” E Baccega (2004, p.384) complementa ao dizer que o campo da comunicação e a educação são áreas de grandes desafios contemporâneos. Entre esses desafios ela destaca:

Sua complexidade obriga a inclusão de temas como mediações, criticidade, informação e conhecimento, circulação das formas simbólicas, ressignificação da escola e do professor, recepção, entre muitos outros.

Aliás, a criticidade é um dos objetivos maiores que se pretende obter ao fazer-se uso da Educomunicação. Ismar de Oliveira Soares (2002, p. 8), professor da USP e pesquisador referência no assunto, afirma que a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Cultura e a Ciência) tem como uma de suas preocupações o patrocínio de várias pesquisas, algumas publicações e até mesmo eventos sobre o tema, “defendendo uma postura construtivista que leve as crianças e os jovens a promoverem uma análise crítica dos meios de comuni-

cação a partir especialmente do seu manuseio”.

Outro foco que norteia todo o campo educação/comunicação é a criação de ecossistemas comunicativos, em outras palavras, ambientes nos quais haja interação real entre produtores, receptores e partilhadores do conhecimento e no que diz respeito ao universo das comunicações a que têm acesso alunos e professores.

Sobre o assunto, Sartori (2000, p. 12) descreve a preocupação no desenvolvimento desses espaços educacionais como uma escola que se mostra interessada em compreender e participar do “entorno cultural do aluno e seus pares de diálogo – colegas, família, mídia – para planejar ações que possibilitem a participação, a construção e troca de sentidos.”

É necessário ressaltar ainda, a importância que o campo da Educomunicação tem na representação de uma educação mais libertadora e formadora de pessoas capacitadas a ver e agir de modo transformador na sociedade.

Nas palavras de Sartori (2000, p.12), quando se proporciona ecossistemas comunicativos aos educandos automaticamente está se oferecendo condições para que ele possa se expressar autonomamente “pronunciando o mundo de modo significativo, participativo e transformador, como cidadãos”.

Reconhecendo assim a multiplicidade das áreas de atuação da Educomunicação, pode-se afirmar que o jornal escolar (a ser aprofundado mais a diante) tem fundamentos pertinentes que o colocam, com propriedade, no campo de estudo e na práxis educacional. Ou como afirma Rei e Moreira (2005, p.274) que o jornal escolar dentro do processo educativo tende sempre a aumentar o

horizonte do aluno, “passando a visar o largo espaço da cidadania que têm como pressuposto melhorar a qualidade de vida, diminuir a exclusão social e garantir a democracia e principalmente formar cidadãos.”

2 O jornal escolar e a pedagogia do texto livre de Célestin Freinet

Muito antes de Kaplún, de Gutierrez e até mesmo de Paulo Freire, outro educador e pesquisador da educação já revolucionava a didática e a maneira de entender a pedagogia em sua época. Francês e pastor de rebanhos, Célestin Freinet (1896-1966), foi o grande nome de seu tempo, e ainda o é, no que diz respeito à utilização da imprensa dentro da sala de aula.

De acordo com Louis Legrand (2008, p.12), foi em 1920, num pequeno vilarejo localizado nos Alpes Marítimos, numa região rústica da França, que Freinet, professor ainda recém-formado, conseguiu introduzir a linguagem e a própria imprensa enquanto meio de comunicação nas aulas da escola de Bar-su-Loup, um pequeno lugarejo de 1000 habitantes. Legrand (2008, p. 20) continua ao afirmar que o ato de imprimir os jornais concretizava e difundia o pensamento dos alunos, além claro, de propiciar a análise da linguagem e da correção ortográfica. Nos quais, “Partindo de textos livres, submetidos a debate e coletivamente modificados e aperfeiçoados, o aluno-impressor encontra-se frente a frente com a exigência da legibilidade. (2008, p.20).”

Esse aluno-impressor é visto por Freinet como um aluno que necessita tomar conhecimento do mundo mediado pela escola

e pelos professores. Porém, não é seguindo um modelo arcaico de ensino que esse futuro cidadão conseguirá desenvolver-se plenamente. Em sua obra *Pedagogia do Bom Senso*, Freinet faz uma assertiva crítica a uma antiquada didática (que ainda hoje persiste em ser usada). Ele compara ironicamente:

Você continua com suas aulas, ensina as suas mecânicas, contemporâneas do arado e do carro de mão, e são o *scooter*, o rádio, o telégrafo e o telefone que seu aluno terá de usar, porque ele sabe, por experiência, onde o chama a vida. Os seus alunos decoram a tabuada num mundo que será, amanhã, o da máquina de calcular. Eles se enervam com as aulas de caligrafia e amanhã a máquina de escrever proporcionará, até ao mais desajeitado, um êxito exemplar. (FREINET, 2004, p.16).

Freinet (2004, p.31) acreditava que o jornal escolar era, nesse contexto, uma forma de se romper com uma pedagogia voltada a conhecimentos mecanicistas e com pretensões superficiais no ensino básico dos alunos. O educador francês advertia e ao mesmo incentivava: “Galope, galope! Entusiasme seus alunos para irem cada vez mais depressa e cada vez mais longe.” Para Célestin Freinet a saída para estimular os alunos a realmente crescer é fácil: “Basta você prever atividades suficientes – felizmente, há muitas –, para alimentar a necessidade de criar e de realizar”. (2004, p.31).

Trabalhando com alunos de baixa renda (LEGRAND, p.14), Freinet saciava a sede de

conhecimento com inúmeras técnicas, como a correspondência entre escolas e o jornal escolar. Visto como ferramenta contínua de melhoria e participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, o jornal escolar consiste na elaboração de textos (não necessariamente noticiosos ou jornalísticos) com tema determinado ou não pelo professor em conjunto com os discentes. Na prática freinetiana, ele é visto sob o ângulo de dar voz ao discurso do aluno de forma livre, mas com suporte pedagógico orientador do docente, no qual os textos e a pesquisa são realizados pelos alunos. Logo após o exercício de correção, todo esse material é impresso, publicado, denotando assim autenticidade e valor ao trabalho do alunado.

Célestin Freinet vê o Jornal escolar como a melhor técnica para fazer as crianças se interessar e terem uma forma de expressão por meio da palavra, da escrita, da gravura e também do desenho. Ele afirma: “O jornal escolar contribuirá para a harmonização do meio, que permanece um fator decisivo da educação”. (FREINET, 2004, p.25).

E é através do jornal escolar e de outras atividades ligadas à escrita e leitura, que o pedagogo francês traz a primorosa técnica do texto livre, que na percepção dele em nada se assemelhava com as redações “impostas” por uma escola tradicionalista. Freinet trata de explicar melhor o conceito de texto livre da seguinte maneira:

Um texto livre tem de ser realmente livre. Quer isto dizer que escrevemos quando temos alguma coisa a dizer, quando sentimos a necessidade de exprimir, escrevendo ou desenhando, aquilo que em nós se agita. (...) O texto

escrito tem agora um objectivo e uma função – comunicar com outros companheiros e adultos, próximos ou afastados – e a criança sente naturalmente a necessidade de escrever, de se exprimir, tal como um bebé sente a necessidade de falar. (1976, p. 21 e 23).

Consequente a isso, o jornal escolar possibilita ao aluno se expressar da forma que lhe convém através dos meios que dispuser. Junto a isso, em seu livro *O Texto Livre*, Freinet vê o jornal escolar e o uso do texto livre como dando a criança um poder até então impensável: o de produtor crítico de seu conhecimento e de sua mundivisão. Sucintamente e esclarecedoramente, Freinet (1975, p. 60) assim define esse fundamento: “Um texto livre é, como a sua designação indica, um texto que a criança escreve livremente, quando tem desejo de o fazer, em conformidade com o tema que a inspira.” E assim, com as propostas do jornal escolar e o texto livre ofertadas por Freinet, as experiências pedagógicas com os jornais escolares de duas séries do ensino fundamental serão aqui expostas.

3 As fases da experiência pedagógica na elaboração do *Jornal Educativo e Notícias Escolares*

Todos os passos da elaboração dos jornais escolares nas séries citadas logo na introdução do trabalho ocorreram nas aulas semanais de 45 minutos de Produção Textual, ministradas pelo autor do artigo. Antes propriamente de aprofundar no tema em

questão, fazem-se necessárias brevíssimas considerações acerca da Escola Municipal Santa Teresinha (Educação Infantil e Ensino Fundamental).

Com trinta anos de existência na rede pública regular de ensino, a instituição educacional está localizada num bairro carente e de nítidos problemas sociais que envolvem jovens e adolescentes precocemente em atos considerados ilegais perante a lei brasileira (tais como uso e tráfico de drogas, de armas de fogo sem porte, entre outros casos similares). Sob nova direção, há oito anos, a escola conseguiu melhorar a sua nota do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de 4,1 (2007) a 6,3 (2009), isto é, um salto de 1,4 pontos (média acima da projetada apenas para o ano de 2022, ou seja, 6,0). Assim, com uma proposta pedagógica definida nos parâmetros da inclusão e da busca da qualidade de ensino, a escola apoiou todas as fases de preparo e desenvolvimento dos jornais, que levaram cerca de 2 a 3 meses.

Dessa forma, a primeira parte de todo o trabalho foi apresentar o conteúdo teórico abordado na disciplina acerca do gênero jornalístico ou noticioso. Essa fase foi importante, porque ali estavam centrados os objetivos maiores do trabalho: como e por que produzir e criticar o mundo a volta dos alunos. Como afirma Faria (1994, p.101): “o trabalho com o jornal e a partir do jornal porá os alunos em contacto com questões da atualidade”. Além disso, nesse período do trabalho era necessário explicitar bem o que Nidelcoff, citado por Faria (1994, p.101), afirma sobre as capacidades desenvolvidas com o jornal escolar: como dar aos alunos ferramentas para que eles saibam se informar, saibam organizar esses fatos entre si e

consigam compreender as características do momento histórico que vivenciam.

Foi nessa fase também que as orientações quanto à postura do entrevistador e modo de coletar informações do entrevistado ocorreram. Logo após a fase de explanação do conteúdo, logicamente levemente adaptado para ser trabalhado do 4º ano “A” a 4ª série “A” (atual 5º ano), aconteceu a fase de escolha do nome do jornal, de escolha dos temas a serem pesquisados/redigidos, de produção de perguntas e a escolha dos entrevistados e personagens das matérias jornalísticas. Na primeira série citada acima, com 17 alunos, o nome escolhido por votação em sala foi *Jornal Educativo* (contra três outros propostos pelos alunos). Na segunda turma onde o trabalho foi realizado, com 21 alunos, o título escolhido para nomear o jornal foi *Notícias Escolares* (também com três opções de escolhas propostas pelos discentes).

A escolha dos temas surgiu nas equipes formadas por dois e até quatro alunos. Entre elas estavam os seguintes temas: aborto, drogas, músicas infantis, brincadeiras infantis, televisão, escola comunitária de futebol, meio ambiente, entre outros. A formulação de perguntas sofreu interferência do professor regente à medida que este era solicitado, dando assim total liberdade à produção dos alunos.

Por sua vez, a seleção dos entrevistados ocorreu de duas formas: a turma com idade entre 8-9 anos (4º ano) obteve respostas de professores, alunos e funcionários da própria escola. Já os alunos com faixa etária entre 9-10 anos (4ª série) tiveram contato e obtiveram suas respostas não apenas com entrevistados do ambiente escolar, mas com pessoas da comunidade (como policial, en-

fermeiro, professor de futebol, membros da Secretaria de Educação, etc.).

Após a coleta de informações a respeito do tema pesquisado, os alunos passaram a análise desses dados e respostas para escolher o que seria pertinente ao uso no texto. O texto, que era escrito por todos os participantes do grupo, passou por uma correção individual do aluno, correção coletiva da turma e, por fim, uma correção em conjunto com o professor orientador do trabalho. Essa parte especificamente do trabalho é importante no que tange ao respeito pela produção autêntica e identitária dos alunos.

Nesse contexto, Célestin Freinet (1976, p.49) destaca:

É evidente que defendemos que o respeito pelo pensamento da criança é, neste caso, uma coisa essencial, mas também sem uma influência, directa ou indirecta, dos educadores sobre as crianças.” Porém, alerta sobre a figura e modelo de texto bem escrito que o professor mediador deve representar: “(...) A criança não aprenderá a escrever correctamente se não tiver constantemente à sua frente a perfeição dos textos manuscritos e impressos. (1976, p.49).

A leitura, que não de livros didáticos ou paradidáticos, serve ao aluno para aumentar seu acervo cultural, seu vocabulário, sua perspectiva quanto ao texto escrito como um todo. Ezequiel T. da Silva (1993, p.102-116), destaca a importância de jornal escolar na leitura não somente do aluno, mas da família como extensão deste: “Proporcionar às crianças o acesso a livros suplementares para a

leitura de lazer, discussões em grupo, leitura-prazer. (...) Jornal de classe (...). As crianças levam para casa e lêem para seus familiares.”

Porém, vale ressaltar que apenas ler não é o bastante e aí, surge a oportunidade que o jornal escolar oferta ao aluno: produzir, ler e escrever para alguém ler. Isso é importante: o aluno deve conseguir identificar o público a que se destina determinada produção textual. Ou como brilhantemente diz Mario Kaplún (1999, p. 73):

Não basta *receber* (ler ou ouvir) uma palavra para incorporá-la ao repertório pessoal; para que ocorra sua efetiva apropriação é preciso que o sujeito a use e a exercite, que a pronuncie, escreva, aplique. Esse exercício só pode dar-se na comunicação com outros sujeitos, escutando e lendo outros, falando e escrevendo para outros.

Consequente a isso, o exercício do olhar foi estimulado no momento de fotografar entrevistados, cenas ou situações que ilustrassem o conteúdo do texto redigido pelos alunos. Compreendendo a fotografia como meio de expressão não-linear do texto-livre da criança, Graça Caldas explica que só é possível “ler o mundo a partir dos olhares dos outros” quando seus leitores aprendem a ler o próprio mundo “por meio da construção de suas próprias narrativas”. “A aquisição do pensamento crítico é resultado da inserção e percepção direta do aluno como agente mobilizador na sua realidade.” (2006, p.129).

Após todo o trabalho finalizado, ficou a cargo do professor orientador a diagramação de todo o trabalho (com sugestões dos alunos). Depois de diagramado, de modo

artesanal, as páginas foram coladas e organizadas de maneira a realmente se assemelharem a um jornal com sua estrutura de folhas removíveis de lugar (trabalho este, feito por toda a equipe pedagógica: professores, funcionários, direção e supervisão). Coube ao fim, a distribuição de 100 exemplares à comunidade externa da cidade (o que infelizmente era um número ínfimo referente aos 11.464 habitantes da cidade – Censo 2010¹; isso porque os recursos financeiros da escola não eram tão abastados quanto necessitariam ser).

4 A criação de ecossistemas comunicativos na produção dos jornais escolares

Como já dito anteriormente sobre o significado do termo ecossistemas comunicativos, estes representam no dizer Soares (2002), os espaços educativos presenciais ou virtuais que têm o objetivo de melhorar o coeficiente educativo das ações comunicativas.

Além disso, como os ecossistemas comunicativos não são indissociáveis da prática pedagógica da leitura e da escrita, a produção de ambas as turmas trouxe maior espaço a busca de informações e, não menos importante, permitiu compreender o processo que leva à construção do conhecimento da escrita e da leitura com qualidade. Zilberman (1986, p.12-13) apresenta a importância que a leitura na escola tem na vida futura do alunado:

Como a escola, desde o século

¹CENSO 2010. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=41. Acesso em 14 de ago. 2011.

18, sofre uma transformação, em decorrência da necessidade de ocupar a infância durante essa etapa da vida e, simultaneamente, informá-la de um saber para momentos futuros de sua existência, verifica-se por que a instituição converte-se no intermediário entre a criança e a cultura, usando como ponte entre os dois a leitura.

Metzker (2008, p. 4), ao citar Soares, reafirma a relevância de se promover e manter tais ecossistemas comunicativos, dizendo ser preciso “abolir as formas autoritárias de comunicação”. Junto a isso, tal promoção desses ambientes só tem efeito prático quando se alcança o objetivo maior da Educomunicação, que na análise de Rodrigues (2000, p.3) tem a função de problematizar tanto o campo comunicacional quanto o educacional, tornando esse campo em “um campo de mediações, de interdiscursividade.”

Assim, com o jornal escolar dentro de sala é possível não apenas criar mais um trabalho restrito que se limite aos tradicionais e enunciadores (professores) e receptores (alunos) como figuras imutáveis e inflexíveis na troca de papéis. Pelo contrário, o *Jornal Educativo e Notícias Escolares*, possibilitaram o desenvolvimento de canais múltiplos de comunicação, isto é, a verdadeira práxis de um ecossistema comunicativo e diversificado.

Considerações Finais

Por meio da experiência pedagógica obtida através dos jornais escolares, tendo participação ora integral, ora parcial dos alunos

em sua produção, a possibilidade de desenvolvimento de canais de comunicação que fluíssem em vias de mão dupla foi possível de acontecer. Quer dizer, o diálogo e a integração das relações aluno-professor, aluno-aluno, aluno-comunidade escolar e aluno-comunidade externa só foram realizáveis porque cada um desses participantes tinha voz ativa e responsabilidade no processo educacional desta produção.

Assim, como diz Cittieli (2002, p. 135), mesmo que a busca em assimilar as diferenças e similaridades entre os campos da comunicação e da educação remontem “às décadas de 30 e 40, e deriva das inquietudes geradas pela expansão dos meios no século XX”, e passados tantos anos desde aí, vê-se que ainda a Educomunicação como área de estudo científico e prática pedagógica em sala, é rara ou quase nula se comparada à importância dada à outras áreas da educação como a Psicologia, Psicopedagogia, entre outras.

Pode-se concluir dessa forma que o trabalho com o jornal escolar, nas palavras de Miranda (2006, p.2), traz muitos resultados desde que usados de forma crítica em sala, pois eles podem promover um receptor-aluno capaz de criticar a mídia através de suas próprias produções jornalísticas, além de abrir um espaço de comunicação aberta na escola e fora dela tendo os educandos como protagonistas sociais.

Certamente em nada se contrariam os pensamentos de Célestin Freinet, com seu pioneirismo no uso do jornal escolar em sala, e os pensamentos de Mário Kaplún, o criador e estudioso do tema Educomunicação. Angela Schaun, citada por Bernardi (2006, p. 6), apresenta a figura do educador justamente como um profissional que vai do exer-

cício pleno da Pedagogia a prática crítica da Comunicação Social, produzindo a comunicação de discursos éticos, estéticos e sobretudo políticos que mirem transformações e inclusões sociais”.

E como todo o trabalho envolveu não apenas a comunidade interna da escola, mas também o público-alvo (a comunidade externa), os jornais escolares possibilitaram ainda um viés prático da comunicação popular, que na visão de Kaplún (1998, p.11), está “siempre buscando, de una y otra manera, un resultado formativo”. Isso mostra a real possibilidade de ambos os conceitos se complementarem e serem pesquisados sob uma ótica pluralista, ou seja, tanto da Educação quanto da Comunicação.

Referências bibliográficas

- BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação/Educação: um campo de ação*. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/baccega-maria-comunicacao-educacao-campo-accao.pdf>. Acesso em: 22 de jul. 2011.
- BERNARDI, Marcela Galvão. *Educomunicação: uma proposta para a educação ambiental*. Disponível em: http://serv01.informacao.andi.org.br/-79c2f01_115d80a527a_-7fe3.pdf. Acesso em: 18 de jun. 2011.
- CALDAS, Graça. Mídia, escola e leitura crítica do mundo. *Educação e Sociedade*, Campinas-SP, vol. 27, n. 94, p.117-130, jan./abr. 2006.
- CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação: a linguagem em movimento*. 2ª ed. São Paulo: Senac, 2002.
- FARIA, Maria Alice. *O Jornal na Sala de Aula*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- FREINET, Célestin. *O Texto Livre*. 2ª ed. Lisboa: Dina Livro, 1976.
- _____. *Pedagogia do Bom Senso*. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *Técnicas Freinetianas da Escola Moderna*. 4ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.
- KAPLÚN, Mario. *Uma Pedagogía de la Comunicación*. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.
- _____. Processos educativos e canais de comunicação. *Comunicação & Sociedade*, São Paulo, n. 14, p.68-75, jan./abr. 1999.
- KENSKI, Vani Moreira. *Educação e comunicação: interconexões e convergências*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0229104.pdf>. Acesso em: 14 de ago. 2011.
- LEGRAND, Louis. *Célestin Freinet*. PERISSÉ, José Gabriel (trad./org.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010.
- METZKER, Gabriela F. R. *Educomunicação: um novo campo e suas áreas de intervenção social*. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/>. Acesso em: 12 de jul. 2011.

- MIRANDA, Amanda Souza. O jornal escolar e a educação problematizadora: vislumbrando uma aproximação. *UNIrrevista*, São Leopoldo – RS, vol. 31, n. 3, p. 1-9, jul. 2006.
- REI, José Esteves; MOREIRA, Antônio. *Da comunicação e educação à comunicação educativa: um novo espaço curricular?* Disponível: <http://www.bocc.uff.br/pag/rei-moreira-comunicacao-educacao-comunicacao-educativa.pdf>. Acesso em: 12 de ago. 2011.
- RODRIGUES, Gabriela F. É Educomunicação: a descoberta do termo e de elementos educacionais. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 13, 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo, Fecap, 2008, p. 1-15.
- SILVA, Ezequiel T. da. *Elementos de Pedagogia da Leitura*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SOARES, Ismar de O. Gestão Comunicativa e Educação: caminhos da Educomunicação. *Comunicação & Sociedade*. São Paulo, n. 23, p.16-25, jan./abr. 2002.
- ZILBERMAN, Regina. A leitura na escola. In: _____. (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 7ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986, p. 9-22.